



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Laranjal, 60-3.º—PORTO
SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACITOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira
Propriedade do Grupo (Aurora Social)
EDITOR—Maciel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do paiz acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Pentasular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefona, 747

Aos trabalhadores

A FALENCIA

VIVA A GUERRA!

Companheiros: no actual momento, surge, sobre a velha Europa, o fantasma tragico e aterrador duma luta terrivel, que determinará o predomínio dum povo sobre os outros do continente, mas que, na realidade, será o aniquilamento de todos eles porque, com a guerra e o seu cortejo de dissolução e morte, consumirám as mais preciosas energias das nações...

Todos os tiranos da Europa que tanto desejam como temem esta hecatombe social, se querem escudar, como razão do seu anhel de rapina, no predomínio tiranico do élmo prussiano. E' verdade que a confederação germanica, com o Kaiser elevado á categoria de primeiro despota, quer impôr-se ao resto da Europa pela força brutal dos seus milhões de soldados.

Mas não é essa a verdadeira causa do conflito que ameaça nestes momentos a Europa e que tende a banhá-la numa onda de sangue que brotará do peito do povo obreiro, do povo escravo, regando com ela o campo de batalha e cimentando assim o poder onipotente e onimodo dos tiranos vencedores. O pugilato travado pela burguesia europeia traficante para ficar possuidora, a do norte, de todos os mercados e ser assim a rainha e senhora na ordem commercial e mercantil, e a dos povos do sul, pelas mesmas razões e motivos, é a verdadeira causa desse duelo cruel e tremendo que se inicia nestes momentos desde as afastadas regiões do Caucaso até ao canto da Europa em que se acha engravada Lisboa.

Nem razões étnicas ou geograficas são a causa da actual conflagração europeia. Nem ainda o sentimento religioso que embora absurdo poderia sinceramente sentido atenuar a responsabilidade do imenso crime. Não! não são ingenuas estas razões. E' simplesmente o desejo egoísta e brutal de ficar pela força das armas em absoluto domínio politico, e deste modo estão em condições de impôr o seu império mercantil, é o desejo de acumular montões de ouro ainda que esse ouro destile sangue humano. Não ha fundamental e primaria da catastrophe uma aspiração humana e social.

São os agiotas das bolsas e os acionistas dos grandes trusts os que alimentam a guerra europeia, que neste momento estala.

A prepotência politica e gananciosa são o móbil terrivel do assassinato colectivo que prepara a burguesia do continente europeu.

Ora bem, essas cifras aterradoras das forças navais e terrestres que já assinalam as nações da Europa como as primeiras vítimas que sucumbiram ao primeiro choque, são massas de carne escrava, de filhos do povo, que largaram a enobrecedora ferramenta do trabalho, para empunhar a espingarda fratricida; e a traz deste primeiro sacrificio, vem outro e outro, tantos quantos façam falta, até que os povos fiquem exaustos ou sejam aniquilados pelos adversários, porque, uma vez empenhada a luta todos querem sair vencedores e nenhum vencido; e estes sacrificios só sairão do povo obreiro, do povo escravo que sofre todas as tiranias e vilipendios. Esse povo escravo e oprimido, vencedores e vencidos, só

poderão escrever em epitáfio sangrentos a historia negra das suas dôres e misérias; e a burguesia vencida ou vencedora, seguirá triunfante levantando palácios á tirania sobre o promontorio de milhões de cadáveres amalgamados nos campos da batalha; e o sangue proletário vertido em caudais irá ás suas arcas transformado em moeda metálica ou papel bancario. Tal será o resultado dessa guerra brutal que ameaça a Europa.

Só a acção consciente e solidária dos trabalhadores do mundo, desse exercito anónimo que deixa diariamente fragmentos de músculos, de nervos, e de cérebro na grandiosa obra de trabalho e progresso são o palpitar supremo e universal de milhões de oprimidos pela tirania da sociedade burguesa; fortemente unidos pela dôr e desgraça comum serão quem poderá pôr um dique irredutível á tirania e evitar os horrores da guerra.

Trabalhadores do mundo, escravos da ordem social que tem por organização o crime e a injustiça, un-vos através das fronteiras em um beijo de amor, fraternal e humano.

Proletários da velha Europa e de todo o mundo, ante a ameaça selvagem duma guerra provocada pela incapacidade duma burguesia decadente que, nos estertôres da sua agonia só quer amontoar riquezas e verter sangue, protestai e provocai a revolução social, como meio salvador de assegurar a paz e a liberdade humana.

Seja a solidariedade do proletariado mundial, o grito sublime que responda aos uivos que, neste momento, lança a hienna burguesa.

Trabalhadores, abaixo a guerra.

Viva a paz universal.

Setubal

O GRUPO COSMOPOLITA

Coisas historicas

3-1860 — Nasce, em Messina, Italia, Pedro Gori, distinto orador e escritor anarquista.

4-1896 No castelo de Montjuich (Espanha), os esbirros principiam a aplicar os tormentos aos presos anarquistas.

5-1899—Durante as manobras da marinha de guerra inglesa, efectuam-se as primeiras experiencias de telegrafo sem fios.

6-1881—Em Boston (E. U. da America), publica-se o primeiro número de *A Liberdade*, semanário anarquista redigido por Tucker.

7-1893—Realisa-se, em Zurich (Suissa), um congresso socialista internacional que, por «unanimidade» excomunga os anarquistas...

8-1709—Bartolomeu Lourenço de Gusmão, faz, em Lisboa, numa maquina chamada *Passarola*, a primeira ascensão aerostatica de que ha memoria. A inquisição, por causa dos seus estudos, accusa-o de feitiçeiro e persegue-o ferozmente, pelo que teve de se refugiar em Espanha, vindo a morrer em Tolêdo, a 17 de novembro de 1724 num hospital e no meio da mais crua miséria...

9-1803—Fulton, inventor dos navios a vapor, faz as primeiras experiencias no rio Sêna.

A natureza pôs em comum todas as coisas para o uso de todos; a usurpação criou a propriedade privada.

S.to AMBROSIO

A horrível sociedade capitalista parece entrar em liquidação, falir miseravelmente.

Senhora de prodigiosa riqueza material, de poderosos meios de produzir abundantemente para todos, é contudo impotente para satisfazer as necessidades dos homens, graças ao seu modo de produção, praças ao monopólio dos bens e forças produtivas.

Vive da rapina, da exploração do trabalho, da carestia, da especulação mercantil, do artifício e do parasitismo nas trocas, da conquista e disputa de mercados, do roubo e da violência.

Dos mil antagonismos de interesses criados entre as classes, as sub-classes, as nações e os indivíduos nasceram mil rivalidades e ódios, fomentados pelas mentras bem armadas e equipadas dos potentados, donos de todos os venenos e de todos os meios de os inocular e difundir.

E de repente, a sociedade cai numa tremenda convulsão de extermínio e de sangue.

Acolossal crise de loucura e de destruição leva o sofrimento e o mal-estar a todas as partes—mesmo áquelas que estão longe do teatro da chacota.

Em todo o mundo os especuladores da «ordem capitalista» todos muito patriotas, aproveitam com satisfação o ensejo admirável de carestia e de fome: na nossa bela sociedade de «civilização» e «progresso». As fábricas cerram-se, cresce a desocupação, intensifica-se a miséria. O povo rugirá de fome.

Rugirá também de revolta?

Não tendo sabido oppor-se á catástrofe, tendo-se mais uma vez deixado conduzir ao matadouro, embriagado de alcool patriótico, saberá ao menos tirar proveito da terrivel lição de coisas?

Ou deixará sossobrar a civilização, morrer o germe dum mundo novo, recuar de novo a esperança da libertação?

A pavorosa hecatombe que começa pode ser também a falência duma sociedade falsa, em que meia dúzia de sócios vivem do suor dos miseráveis.

O ponto está em que queiram enfim os explorados.

A falência, verdadeiramente já está declarada: que os administradores da massa falida se preparem!

E' preciso dar á sociedade novas bases: é preciso que todos sejam sócios.

Simbólico!

De Lisboa, acaba de partir para a guerra um alemão, quase a atingir o limite da idade de serviço militar, chamado pelo seu governo como reservista.

Este alemão casou com uma francesa, e do casal nasceu um filho, que veio ao mundo em França e optou pela nacionalidade francesa, ao chegar á maioridade.

O rapaz, que residia também em Lisboa com o pai, partiu no mesmo dia para França afim de servir a sua «patria» contra a «patria» do pai!

Acrescente-se que ambos residiam há bastantes anos em Portugal, onde tinha os seus interesses.

Talvez em breve venham a encontrar-se frente a frente no campo de batalha, fuzilando-se mutuamente para defesa de interesses alheios.

Não diz bem a estupidez da guerra, que nada resolve e que faz sofrer os pobres, vencidos e vencedores?

Viva a guerra! é o grito que se ouve de todos os lados da Europa, como se tivéssemos recuado 6 ou 8 seculos. A expansão do odio que se nota, as atitudes belissimas das potencias aguerridas, o com fúnebre e metálico dos clarins, o troar da artilheria, as marchas forçadas dos exercitos em armas, a quebra da dignidade humana, o estrangulamento dos povos nas suas terras, nas suas casas; o desrespeito mútuo, as invocações dos reis a deus e ao diabo, a quem imploram protecção, todo esse espectáculo sangrentamente tragico, que transforma esta parte do globo num incomensuravel oceano de sangue e num extensissimo cemiterio, diz-me, eloquentemente, que não estou no seculo XX, seculo das luzes, como uma aluvião de sabiosinhos o afirmam nos seus livros, nos seus artigos, nos seus folhetins. E' falso. A época em que estou é muito diferente; vivo na antiguidade, no período agudo em que todo o mundo era guerreiro e tinha imenso prazer em preparar expedições para conquistas, para dar largas á sua ferocidade tigrina, para se crearem fidalgos para a pillagem, gente sem ideal nem sentimentos, a não ser o sentimento de se divertirem, de passarem o seu tempo na orgia sangüinária!

Respondo: não estou no seculo XX, porque se estivesse, esses canticos de guerra que ferem o espaço, esse vivorio ameaçador do povo tinham uma outra significação. Davam-se vivas á guerra, mas á guerra que tinha por fim terminar com a guerra dos exercitos, movida pelo capricho dos governantes e pela ambição dos detentores de toda a riqueza social.

Se o povo em Berlim, como no resto do império, ao saber dos preparativos aggressivos dos seus governantes para alterar a paz dos povos, se erguesse, de repente, como impellido por uma força galvânica, contra essas intenções aggressivas, em vez de aplaudilas com entusiasmo, as coizas certamente tomariam outro aspecto. E' claro que não queria que só o povo alemão se manifestasse. O meu desejo era que o povo productor de todas as outras nações fizessem o mesmo. Que coisa excelente esta a de o trabalhador europeu, confraternizando-se, responder altivamente aos governos: «Para traz. Quereis a guerra? Sim, nós também a queremos. Viva a guerra! Ah! mas os nossos vivas são diferentes dos que vós pensais. Nós damos vivas á guerra, mas é áquella guerra que vai de encontro a vós, aos vossos intuitos, ás vossas ambições. Preparamo-nos para a guerra, mas é para a guerra contra a burguesia, contra os açambarcadores, contra os que nos exploram, contra o velho sofrimento humano, contra a desigualdade, contra a miséria, contra a fome, a tuberculose, a nudez. Não nos propomos a conquistar portos de mar, nem pedaços de terreno; temos como ideal esta suprema conquista: a expulsão do nosso seio de todo o parasita e tornar a terra livre, na mão de todos os habitantes, produzindo e consumindo livremente». Dá-se isso? Infelizmente não. O povo todo acode ás armas para se esfacelar. Com que direito? Com que fim? Que ideal o anima? Será porventura para a perfectibilidade humana que a conflagração se dá? Será para banir da terra o despotismo económico e politico de tantos seculos? Em nome da fome

não é, porque a fome vai desenvolver-se, depois de terminada a guerra, desoladoramente. Em nome da crise de trabalho não é, porque as fabricas e as oficinas estão a fechar-se e permanecerão assim por espaço de tempo indeterminado. Em nome da civilização também não pôde ser, porque os campos vão ficar aniquilados, incultos, talvez por muitos anos; muitas cidades, aldeias e vilas perecerão sob as ruinas do bombardeamento. Em nome do sofrimento do trabalhador não acredito, porque ele se até aqui sofria, agora muito mais vai sofrer, vai sofrer toda a casta de privações, as duras consequências da conflagração. Ah! o direito que subsiste é o direito do roubo, o tal direito das gentes, o egoismo do soberano, a agiotagem dos bolsistas, dos industriais, dos comerciantes; o que subsiste é a civilização da morte, da dôr, do luto; o domínio do mais forte sobre os fracos, a velha aspiração de se ter todo o mundo sob o tacão da bota. O povo não vê isso. O povo cada vez está mais cego. Resta-me esta consolação. Tudo isso não é por culpa dos anarquistas. Eles são antimilitaristas, anti-patriotas, e nos seus congressos, nas suas reuniões de propaganda tem colocado sempre em primeiro logar a questão do militarismo e do patriotismo. A sua propaganda neste sentido tem sido mais ou menos intensa. E isso tem valido aos socialistas libertários a mais acintosa guerra por parte dos adversários, inclusivé da parte dos socialistas, de estado, que se propõem reformar o velho mundo. E' que os socialistas também são patriotas.

Os socialistas alemães declararam-se patriotas; e quasi toda a gente supunha que a Alemanha era um país onde o elemento avançado tinha mais ou menos valor. O quê, na Alemanha o trabalhador caminha para um aperfeiçoamento tal, que causa admiração de todo o mundo! Tem no *reichstags* 111 representantes, o que leva a crêr que dentro em pouco tudo se revolucionará, desde as pequenas ás grandes funções politicas e sociais do estado. E' afinal, não ha país onde o patriotismo seja mais exaltado, onde o militarismo seja mais febricitante. O socialismo na Alemanha é patriota, pôde dizer-se mesmo que bastante militarista. Os votos socialistas, esses milhões de votos, não representam coisa nenhuma, a não ser a humildade do povo, a sua extrema legalidade conservantista e o seu nenhum valor revolucionario. E' que os mentores socialistas não procuraram educar o povo trabalhador para a revolução, preparando-o para uma evolução de progresso. O que sempre procuraram foi isto: votos, para que todo o mundo saiba que o trabalhador ali é socialista... na urna. Sómente na urna! Os socialistas sabem perfeitamente que o seu país é essencialmente militarista, retrogrado em excesso. Conhecem perfeitamente que as ideias do *kaiser*, que o tornam provocador aspero, são as estrelas napoleónicas de outras eras, e que os seus desejos são dominar o mundo inteiro. Apesar disso, puzeram de lado a propaganda anti-militarista e anti-patriotica. Nunca se importaram com isso e até desdenhavam dos seus correlegionarios francezes que eram menos patrióticos e militaristas. Se esses milhões de proletários transformados em eleitores apenas, tivessem uma